

S

ão muito famosos aqueles versos que o poeta português Fernando Pessoa tomou dos antigos marinheiros: “Navegar é preciso; viver não é preciso”. A frase, na verdade, é de um general romano, Pompeu, e está contida num livro de Plutarco intitulado *Vida de Pompeu*. Tirando a genialidade de Pessoa e a imprecativa de Pompeu – que a utilizou para motivar seus soldados, que não queriam entrar em suas embarcações, e partir para a guerra –, o que nos interessa aqui é o mar (*la mar*, como dizem os castelhanos).

Se Portugal teve destino glorioso em suas embarcações que, literalmente, cruzavam os mares e oceanos desde Vasco da Gama, foi devido à sua alma ainda hoje nostálgica – pois, para lembrar outros versos encantadores de Pessoa, quantas mães não choraram a não volta de seus maridos, a não volta de seus namorados, presas do que se convencionou chamar de *mare nostrum*. Portugal desbravou os mares, os oceanos e, durante um período significativo de nossa história, o pequeno país se elevou diante do mundo.

Tudo isso para dizer exatamente o quê? Se me permitem o nariz de cera, para dizer que quem tem mar tem poder. Vamos ao que interessa: Amazônia Azul é o tema de nossa atual edição. Esta é uma belíssima expressão poética cunhada por nossa Marinha para designar “a ampla área de espelho d’água, leito e subsolo marítimos sobre a qual incidem direitos econômicos do Brasil”, este país-continente outrora dos papagaios e dos índios – que certamente viveram em maior harmonia do que nós.

Deixando de lado o pré-sal e seu colossal repositório de petróleo, as águas marítimas brasileiras – até os seus limites – são uma fonte de possíveis descobertas de deixar Monteiro Lobato, se vivo fosse, dando urras de felicidade. Sabe-se que tal imensidão de água corresponde, pelo menos, à metade do nosso território emerso. Voltando ao início: caberá a nós e a nossos governantes fazer uso desse tesouro que provavelmente está escondido pelas águas desse nosso imenso “território” marítimo. Se isto ocorrer, o Brasil, a exemplo do que aconteceu a seu colonizador, poderá se elevar entre as nações e dizer de boca cheia: este mar é nosso.

Francisco Costa